

Piso 1

Beatriz Coelho

9. *not on holidays*, 2019.
Óleo s/ tela, 80 x 60 cm.

Nádia Duvall

10. *Proposta. Que angústia engolir o mar*, 2016.

Instalação. Lã, silicone e tinta de óleo.

11. *A study on decompression*, 2018.
Acrílico e carvão s/ papel, 59 x 42 cm.

12. *Silenced*, 2018.

Carvão s/ papel, 59 x 42 cm.

Joana Galego

13. *A declarar*, 2017.

Óleo sobre tela, 15 x 10 cm.

14. *Sal*, 2019.

Óleo sobre tela, 20 x 15 cm.

15. Beatriz Coelho

Comfort zone (the untouchable) #1, 2019.

Botija de água, gesso, óleo.

Bárbara Bulhão

16. *A perfect place #1*, 2019.

Impressão s/ toalha de praia, 80 x 160 cm.

17. *A perfect place #2*, 2019

Impressão s/ toalha de praia, 80 x 160 cm.

Gonçalo Fonseca + Maria Contreras

18. *Hope*, 2016.

"I swam to Melilla from Morocco using this kid's bodyboard. Every step I've taken since I left my home was with this dream in mind; to become an artist. And I'll show the whole world that nothing can stop me." 25-year old, Ivory Coast

"There is nothing for me in my country, no family, no job. All I want is to study and play football. That is what gives me strength." 20-year old, Guinea

"Everything I owned I lost along the way. The only thing I have is myself. So I will build my future with these hands." 14-year old, Syria

"Whenever I look at the sky, it gives me up. There the birds can fly free, and there are no borders." 20-year old from Guinea

Carolina Serrano

19. *Eu sou. Tu o dizes.#2*, 2019.

Parafina, espelho, 22 x 22 x 10 cm.

Francisco Duarte Coelho

20. *Micro*, 2019.

Técnica mista.

Tiago Mourão

21. *Sem título*, 2019.

Óleo s/ madeira, 40 x 50 cm.

Pedro Barros

22. *agápê*, 2019.

Impressão em papel matte.

estoutro

A exposição coletiva intitulada estoutro, apresentada de 3 a 10 de julho no Espaço Cultural Mercês, assinala o Dia Mundial do Refugiado 2019, propondo uma reflexão acerca do nosso olhar, individual e coletivo, português e europeu, perante a pessoa refugiada e os seus/nossos contextos.

Convidámos doze artistas plásticos, de práticas artísticas assumidamente distintas, a participar com propostas que, de forma mais ou menos direta, materializassem ideias subjacentes ao tema assinalado. É neste sentido que o corpo de trabalho aqui apresentado – passando pela pintura, escultura, instalação e fotografia – revela uma exposição aberta, plural e heterogénea, que se completa num diálogo por vezes inusitado e experimental, sem nunca perder as particularidades de cada obra única que o constitui.

São inúmeros os pensamentos e questões que se levantam em torno de um tema tão abrangente e real quanto o do refugiado, facto que nos levou a optar pela distinção de dois momentos que consideramos naturalmente separáveis, estabelecendo assim uma espécie de itinerário teórico e reflexivo que atravessa a exposição.

Num primeiro momento, propõe-se uma lógica de denúncia: numa linha mais crítica, *Glup! Glup!* de Fábio Colaço, e, como algumas peças parecem querer assumir, política, servindo de exemplo *more is more*, de Diogo da Cruz. São obras que exprimem mensagens sobre os tempos que se receiam, confirmam e avizinham, num misto de preocupação e clarividência perante os nossos sistemas de poder. Compreendidas neste primeiro grupo, todavia acrescentando tópicos que se prendem com a noção de distanciamento, encontra-se *Macro*, de Francisco Duarte Coelho e, num suporte claramente distinto, a pintura de Tiago Mourão, que aqui opta por manter o outro numa espécie de anonimato, num lugar longínquo ou pouco definível.

Deste ponto de partida mais duro, frio e afastado, o conjunto de propostas parece caminhar, progressivamente, para a descoberta da individualidade e num sentido de aproximação, abrindo espaço para o encontro. É exatamente neste ponto ou eixo de ligação que a escultura de Carolina Serrano se evidencia, promovendo, olhos nos olhos, um confronto de igualdade.

Apontando tópicos profundamente humanos – medos e inseguranças, oportunidades e desigualdades, como *not on holidays*, de Beatriz Coelho; sonhos e expectativas, *A perfect place*, de Bárbara Bulhão; companheirismo e amor, *Cumprimento*, de Joana Galego –, as obras deste segundo momento parecem deixar escapar nas entrelinhas um apelo ao respeito e ao acolhimento, não como atitude passiva, mas antes como uma missão humanitária, um dever de humanidade.

A proposta de um itinerário que visa a concretização e assenta numa temática tão humana não se poderia efetivar sem dados concretos, histórias reais. Aproveitando-nos, agora, de *Micro*, de Francisco Duarte Coelho, o que sugerimos é esse "ver de perto", esse "debruçar sobre" as realidades que aqui se apresentam: seja a narrativa de resiliência de refugiados que conheceram em Melilha, captada na série *Hope*, de Gonçalo Fonseca e Maria Contreras Coll; seja o amor como virtude e dever que é invocado em *agápê*, de Pedro Barros, obra que ilustra por metonímia a esperança existente em cada nova relação entre quem, antes, era estrangeiro. Por sua vez, a obra de Nádia Duvall, *Que angústia engolir o mar*, nasce de uma experiência autobiográfica-limite, ela própria nó entre fronteiras vitais, identidade e destino, servindo de testemunho da corda umbilical que a artista transporta consigo desde o nascimento.

A palavra escolhida para título desta exposição – estoutro – exprime, por comparação, um encontro semelhante ao daquele que constitui os dois momentos reflexivos acima descritos, na medida em que estoutro é, justamente, a soma e a concretização neste, daquele que se encontrava distante, o outro. Dito de outro modo, estoutro é uma sugestão desempoeirada de olhar: porque é a conjugação da dimensão do fascínio pelo outro, algo abstrato e anónimo, com as exigências de uma relação próxima, real e livre.

Lisboa-Veneza, 20 de junho de 2019,

Dia Mundial do Refugiado

Beatriz Coelho, Francisca Gigante e Inês Espada Vieira

estoutro

The group exhibition titled *estoutro*, presented from July 3 to July 10 at Espaço Cultural Mercês, marks the World Refugee Day 2019, proposing a reflection on our individual and collectiveness, the Portuguese and European eyes towards the refugee and his/ our contexts.

We invited twelve artists from distinctly artistic practices to participate with proposals that, in a more or less direct way, materialized their ideas underlying the mentioned theme. It is in this sense that the body of work presented here - through painting, sculpture, installation and photography - reveals an open, plural and heterogeneous exhibition, which is completed in a dialogue that is sometimes unusual and experimental, without losing the particularities of each unique work which constitutes it.

There are innumerable thoughts and questions that arise around a theme as comprehensive and real as that of the refugee, which led us to choose the distinction of two moments that we considered naturally separable, establishing a kind of theoretical and reflective itinerary that crosses the exposure.

At first, a logic of denunciation is proposed: in a more critical line, *Glup! Glup!* of Fábio Colaço, and, as some pieces seem to want to assume politics, serving as example *more is more* of Diogo da Cruz. These are works that express messages about times that are feared, confirmed and coming, in a mixture of concern and clairvoyance before our systems of power. Also, in this first group, however adding topics that are related to the notion of distancing, is *Macro*, by Francisco Duarte Coelho and, in a clearly distinct support, the painting of Tiago Mourão, who here chooses to keep the other in a kind of anonymity, in a distant place or undefinable.

From this starting point, harsh, cold and distant, the set of proposals seems to move progressively towards the discovery of individuality and in a sense of approximation, opening space for the encounter. It is precisely at this point or axis of connection that the sculpture of Carolina Serrano is evident, promoting, eye to eye, a deep confrontation on equality.

Pointing deeply human topics - fears and insecurities, opportunities and inequalities, such as *not on holidays*, by Beatriz Coelho; dreams and expectations, *A perfect place*, by Bárbara Bulhão; companionship and love, *Cumprimento* (Fulfillment), by Joana Galego -, the works of this second moment seem to leave between the lines a plea for respect and acceptance, not as a passive attitude, but rather as a humanitarian mission, a duty of humankind.

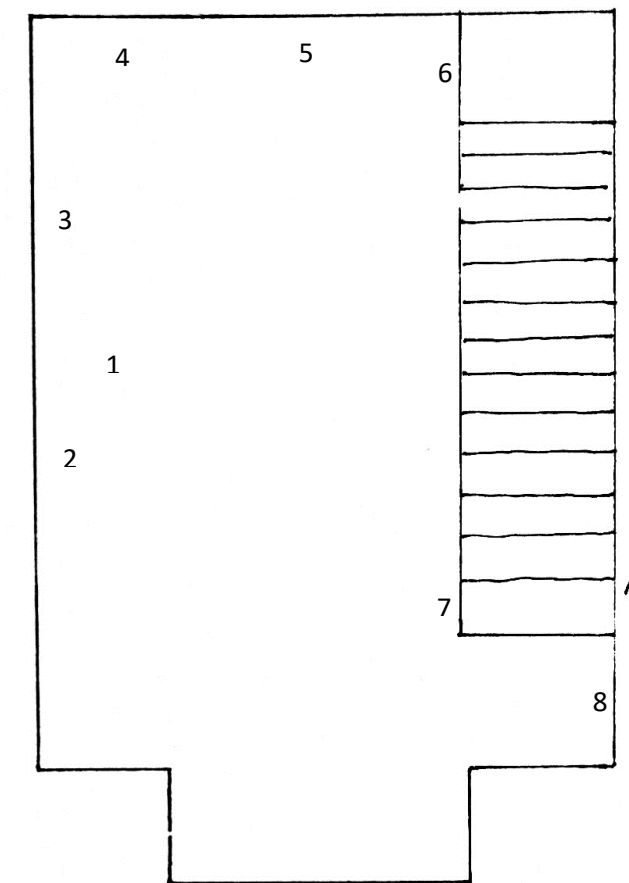
The proposal of an itinerary that aims at concretizing and based on such a human theme could not be carried out without concrete data, real stories. Taking advantage now of *Micro*, by Francisco Duarte Coelho, what we suggest is this close look, this look at the realities presented here: be the narrative of resilience of refugees who the artists met in Melilla, captured in the series *Hope*, Gonçalo Fonseca and Maria Contreras Coll; is love as virtue and duty that is invoked in *agapé*, by Pedro Barros, a work that illustrates by metonymy the hope that exists in each new relationship between those who were formerly foreign. On the other hand, the work of Nádia Duvall, which anguish to swallow the sea, is born of an autobiographical limit experience, itself between vital borders, identity and destiny, serving as a testimony of the umbilical cord that the artist carries with her from birth.

The word chosen for the title of this exhibition - *estoutro* - expresses, by comparison, an encounter similar to that which constitutes the two reflexive moments described above, inasmuch as *estoutro* is precisely the sum and concretization in this (*este*), of the one who was distant, the other (*outro*). From this perspective, *estoutro* is a dampened suggestion of looking: because it is the conjugation of the dimension of fascination by the other, something abstract and anonymous, with the demands of a close, real relationship, free from stigma and imposition.

Lisbon-Venice, June 20, 2019,

World Refugee Day

Beatriz Coelho, Francisca Gigante and Inês Espada Vieira



Piso 0

Francisco Duarte Coelho

1. *Macro*, 2019.

Técnica mista.

Gonçalo Fonseca + Maria Contreras

2. *Hope*, 2016. (Série de 9 fotografias)

“My friends and my children are what gives me up. Hope that tomorrow will be better than today.” 45-year old, Syria

“Cooking is like the air I breathe. If I can’t cook, there’s no life for me.” 22 year-Algeria

“The first thing when I get up in the morning is to think of my mother. She passed away almost a year ago. I still talk to her every day.” 22-year old, Morocco

“I was studying Law at the university, but I had to leave. All this time I have always tried to write about my experiences. It helps me to process and to stay sane. I hope I can one day publish this book.” 24-year old, Morocco

Beatriz Coelho

3. *Comfort zone (the untouchable) #3*, 2019.

Botija de água, gesso, óleo.

Fábio Colaço

4. *Glup! Glup!* 2017.

Globo terrestre, desentupidor, 60 x 50 x 50 cm.

Diogo da Cruz

5. *more is more*, 2016.

Bandeira.

Gonçalo Fonseca + Maria Contreras

6. *Hope*, 2016. (Série de 9 fotografias)

Fujicolor Crystal Archive Paper Digital Type DP II – Matte.

“My boyfriend M. is what gives me hope. He was fleeing the Syrian Civil War when I met him in my hometown in Morocco. He was granted Asylum in Spain but decided to stay here with me until we can both leave. 25-year old. Morocco

Joana Galego

7. *Cumprimento*, 2019.

Acrílico, óleo e pastel seco sobre tela, 60 x 40 cm.

Pintura danificada durante o transporte Londres/Lisboa.

8. *Canto do olho*, 2019.

Acrílico e óleo sobre tela, 36 x 26 cm.